

# Esboço de perfil

SHC  
CELSO DE SOUZA E SILVA\*

Haverá brasileiro sensato que tenha por Fernando Henrique Cardoso sentimentos de paixão ou de ódio? Não é provável. Não lhe faltam adeptos e simpatizantes, nem desafetos e adversários. Desperta afeição e, até mesmo, entusiasmo, ou resistências e malquerenças. Fanatismos, jamais. Ninguém com ele se comprometeria em posições inarredáveis nem para segui-lo, nem para combatê-lo. Por ele, ou contra ele, ninguém arriscaria a vida ou o patrimônio. Se apenas conta com amigos (políticos) condicionais, tampouco se defronta com inimigos irreconciliáveis. Entre aliados e opositores para ao seu redor aquela zona cinzenta que a ninguém pertence e a todos se oferece.

Por temperamento prefere o diálogo ao confronto, a conciliação ao embate, o consenso ao triunfo. Sofre com a contradição e, mais ainda, com a imposição. Se a ela resiste, dela jamais se utiliza.

A autoridade deve decorrer naturalmente da unção do cargo, não da força de quem pode punir e premiar. Não se acanha de lembrar e repetir que a ele, presidente, compete nomear e demitir. Esquece de que quem exerce a autoridade de que dispõe dispensa-se de proclamá-la.

Não lhe ocorrerá jamais a explosão de seu antecessor cavalariano: "prendo e arrebento". Nem uma coisa nem outra. Optará pela paciência, com votos para

que o tempo e as circunstâncias trabalhem a seu favor.

Se pudesse a ninguém desagradaria. O sorriso fácil, quase inefável, é antes um convite à simpatia do que expressão de regozijo. A palavra áspera violenta-lhe a natureza. Na controvérsia apela para as generalidades, sempre menos contundentes do que as réplicas direcionadas. Vale-se da sociologia, de que é mestre, onde para tudo se encontra explicação, embora nem sempre conclusão e solução.

Encanta-se com as pompas e circunstâncias que proporciona o poder, mas delas não abusa. A distância que impõem poderia despertar susceptibilidades, quicá ressentimentos, e o insopitável impulso para a ninguém desagradar é predominante.

Deixa-se então abordar com facilidade, até familiaridade, como que despojado da majestade presidencial.

Qualquer "foca" de jornal ou televisão permite-se pespegar-lhe nas bochechas gravadores e microfones, disparando a esmo perguntas a granel. Submete-se com docilidade e safa-se com habilidade.

Senta-se à mesa com esses sem-terra, sem-modos e sem-lei: cabeças cobertas e ares arrogantes. Tudo engole e digere. A vida não lhe ensinou, ou não o convenceu, que para índoles tímidas ou timoratas um só gesto de bravura exorcisaria incontáveis constrangimentos. Mas ousadia e confronto não constam do seu vocabulário.

Invasões e depredações de propriedade alheia são atos de "demagogia"; saqueadores e seus incitadores cometem ações "imorais e irresponsáveis"; compra e venda de votos no Congresso Nacional com o nosso (do contribuinte) dinheiro é falta de "asepsia". Assim, roubo, incitamento ao crime, corrupção deixam de ser casos de polícia e de Justiça para se tornarem exercício de malabarismos verbais por quem excele na arte do eufemismo.

Embala-se com as próprias palavras mas da ação não usufrui o mesmo prazer. Jamais houve presidente que deitasse tanta falação: qualquer pretexto é válido para exercitar seus dotes professorais. O verbo lhe flui escorrito, comedido, concatenado, mas dele a imprensa reproduz cada vez menos. E se o crédito concedido à sua retórica se está esgotando, a alternativa não será do seu agrado: menos preleção e mais atuação. Quando a ordem pública se está desagregando a passos rápidos, a ponto de afetar a já precária credibilidade jurídica do país, o próprio Estado de Direito, mais do que nunca ressaltará a sua inapetência para o exercício do poder com autoridade.

Não se precisa ler Maquiavel para saber que poder e temibilidade são irmãos siameses. Onde falta um faltam ambos e onde nada se teme tudo se permite.

Dir-se-ia então que o verso imortal de Rimbaud fora inspirado em Fernando Henrique Cardoso: "Por delicadeza perdi a minha vida."

\*Ex-diretor do JORNAL DO BRASIL